

A guerra nos céus da Ucrânia

Madalena Meyer Resende | Público | 16 de outubro de 2022

A nova escalada da guerra, que começou pela nomeação no dia 8 do general Sergei Surovikin como novo comandante do exército na Ucrânia e continuou a semana passada com uma campanha de ataques de mísseis contra cidades ucranianas e infra-estruturas energética e de transporte, deve ser entendida como uma tentativa por parte de Moscovo de recuperar a iniciativa estratégica num contexto desfavorável para o exército russo, momento em que a guerra entra no oitavo mês.

A reconquista de Kharkiv e da região circundante pelo exército ucraniano há um mês não só mudou a dinâmica da guerra, ao retirar a iniciativa estratégica a Moscovo, como expôs as fragilidades das forças russas. A retirada desordenada revelou que as unidades do exército russo – estacionadas há oito meses sem serem rendidas – e as perdas significativas que sofreram, tanto do ponto de vista logístico como de homens, deixou as tropas russas no terreno desgastadas, com escassez de soldados e com as suas posições fragilizadas. Putin percebeu da necessidade imperiosa de ganhar tempo e de estabilizar as suas posições no terreno antes das chuvas de Outono.

Tentando recuperar a iniciativa no terreno, Putin tomou duas decisões arriscadas: declarou a mobilização de novas tropas e levou a cabo referendos de anexação dos territórios de Kherson, Luhansk, Donetsk e Zaporijjia. Ambas as iniciativas falharam em estancar o sucesso da contra-ofensiva ucraniana no terreno. As anexações geraram mais embaraço do que entusiasmo, uma vez que as forças ucranianas continuam a ganhar mais território. Por outro lado, o envio de tropas sem preparação militar para a frente de batalha, em vez de reforçar as existentes, tornou-se um fardo que desmoralizou ainda mais o exército russo. A mobilização, destinada a reforçar o poder de combate extra necessário para recuperar a iniciativa militar foi caótica, desestabilizando também a sociedade e a política russas. Nas últimas semanas, as forças ucranianas recuperaram milhares de quilómetros quadrados de território no Leste e avançaram no Sul, alimentando a polémica em Moscovo sobre a condução da guerra. O avanço lento, mas contínuo, do exército ucraniano nas frentes de batalha, neutralizou os efeitos de ambas as iniciativas.

O ataque à ponte de Kerch no dia 8 confirmou que o impulso da guerra se mantém ainda no campo de Kiev. A ponte foi construída com custos consideráveis para ligar a Crimeia ao continente e foi aberta por Putin com grande fanfarra em 2018. O ataque combinou um golpe simbólico com dolorosas consequências práticas e tornou-se o gatilho para uma nova escalada na forma de conduzir a guerra por parte de Putin.

O novo comandante do exército russo, o general Suroviki, responsável não só pelo ataque aéreo a Aleppo como do cerco a Mariupol, representa uma estratégia militar que

está preparada para destruir infra-estruturas e vidas civis sem limites morais. Na tentativa de estabilizar o conflito e preparando-se para uma longa guerra, Putin sinaliza que a Rússia não se coíbe de seguir a estratégia de destruição indiscriminada que levou a cabo na Tchetchénia e na Síria e elevar o grau de destruição infligido ao povo ucraniano.

A resposta do Ocidente ao apelo de Zelenski para o fornecimento de armamento que permita construir “um escudo aéreo para a Ucrânia” foi, mais uma vez, célere. Em reunião extraordinária do G7 na segunda-feira passada, o Presidente Biden reafirmou o compromisso dos EUA em fornecer apoio militar, incluindo sistemas avançados de defesa aérea. A França irá também enviar material de defesa aérea. Também Jens Stoltenberg reiterou a prontidão da NATO no apoio a Kiev.

A semana que passou demonstra assim que a guerra da Ucrânia se expandiu para os céus e ganhou uma nova dimensão que certamente infligirá terríveis perdas ao povo ucraniano. Contudo, fiel ao espírito de combate, Zelenski reafirmou que os ucranianos continuarão a lutar, e que a guerra se decidirá no campo de batalha. Ambos os lados se preparam para a continuação da guerra.

<https://www.publico.pt/2022/10/16/mundo/analise/guerra-ceus-ucrania-2024245>